

Bacurau: uma metáfora do Brasil atual

Bacurau: a metaphor of current Brazil

¹ Alexandre Palma palma_alexandre@yahoo.com.br

² Monique Ribeiro de Assis

³ Murilo Mariano Vilaça

RESUMO

O objetivo do presente texto é debater alguns aspectos relacionados à sociedade do Brasil contemporâneo, notadamente àqueles que dizem respeito à violência, saúde e relações de poder, inspirados pelo filme Bacurau. A partir do filme é possível refletir sobre a retirada de direitos, violência, enfraquecimento do sistema público de saúde, agressão ao meio ambiente, entre outros aspectos. A realização desse exercício, assim, pode promover uma interessante reflexão sobre o Brasil atual.

Palavras-chave: Violência. Direitos humanos. Política de saúde. Meio ambiente.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to discuss some aspects related to contemporary Brazilian society, notably those related to violence, health and power relationship, inspired by the movie Bacurau. From this movie it is possible to reflect on the withdrawal of rights, violence, weakening of the public health system, aggression to the environment, among other aspects. Thus, the achievement of this exercise can promote an interesting reflection on current Brazil.

Keywords: *Violence. Human rights. Health policy. Environment.*

1 Universidade Federal do Rio de Janeiro

2 Universidade do Estado do Rio de Janeiro

3 Fundação Oswaldo Cruz/ RJ

1 NOTAS INTRODUTÓRIAS

Analisar uma obra de arte não é tarefa fácil ou simples. Sempre há a possibilidade de cair na armadilha de se pensar em algo que não era o propósito dos autores. Ademais, pode-se recorrer a Mukarovsky (1997) para compreender que a função estética pode transformar algo, ou o ato em que se manifesta, em um signo autônomo, não necessariamente provido de ligação unívoca com a realidade a que alude. Dito de outra forma, a diferença entre uma obra de arte e outras criações humanas é que a primeira não se motiva ou orienta para um objetivo específico; não necessariamente possui uma função. A arte poderia ter um fim em si mesma. O signo artístico, portanto, não deve ser servil, um instrumento a serviço de algo ou alguém; deve se constituir como um signo insubordinado, independente.

Torna-se, portanto, necessário assinalar que não se pretende, neste texto, decifrar o enredo da obra cinematográfica, tampouco, realizar sua análise crítica. Aqui, interessa-nos pensar o Brasil de hoje, a partir do conteúdo do filme Bacurau, tendo-o como fonte inspiradora. A “leitura” que os autores do presente artigo fazem do filme não se inscreve, destarte, como uma análise da obra cinematográfica. Antes, caracteriza-se como a possibilidade de refletir sobre nossos problemas socioeconômicos, políticos e culturais, frente ao impacto que ela nos causou, ainda que tais percepções e inferências possam não espelhar os propósitos dos seus autores da obra.

Portanto, o objetivo do presente texto é debater alguns aspectos relacionados à sociedade do Brasil contemporâneo, notadamente àqueles que dizem respeito à violência, saúde e relações de poder, inspirados pelo filme Bacurau.

2 O FILME

Bacurau é o nome fictício de um pequeno distrito localizado no sertão do Nordeste brasileiro. Ao longo da trama, ocorre uma série de acontecimentos, como a morte da matriarca, o retorno de uma de suas cidadãs, o bloqueio ao acesso à água potável, as ações do prefeito corrupto, o desaparecimento do povoado no mapeamento por satélite, a invasão de estrangeiros, o “olhar” tecnológico do “disco voador”, o uso do fármaco, entre outros, e vão dando o tom do enredo.

Na trama, Bacurau representa um Nordeste futurista, surreal, com pleno funcionamento de telefones celulares e familiaridade com os drones. Em um primeiro momento, quando da chegada da personagem Teresa para o velório da matriarca, o espectador vai se inteirando dos problemas que vivencia o distrito. Em um segundo momento, a violência daqueles que parecem deter o poder se apresenta, seja de forma velada, na presença do prefeito, seja de modo bastante explícito, na chegada dos forasteiros nacionais e estrangeiros; as formas de resistência, igualmente, começam a se configurar; além, dos aspectos paralelos à trama. O último ato é marcado, basicamente, pela luta entre os diferentes poderes.

3 A “LEITURA” DO BRASIL ATUAL

Bacurau é uma obra cinematográfica repleta de metáforas. A despeito do ano em que foi concebido e/ou produzido, e com quais intenções ideológicas, se é que existiram⁴, o cinema ali inscrito apresenta diferentes elementos que nos possibilitam refletir e nos transportar para distintas situações vividas atualmente.

O que o filme nos inspira? De imediato, Bacurau nos ensina a resistir. Bacurau é o Nordeste que resistiu, nas últimas eleições presidenciais, à tentativa fascista de eliminar, de excluir, aqueles que, do ponto de vista do opressor, já não pertencem a um espaço. Portanto, deveriam ser desterritorializados, mas insistem em continuar “vagando” no espaço ao qual não mais pertenceriam e que, ao mesmo tempo, não mais lhes pertenceria, “atravancando o progresso”, bordão popularizado pelo famoso personagem Odorico Paraguaçu, da obra O Bem Amado (Dias Gomes), um símbolo sintetizador dos “poderosos” que grassam e desgraçam o Brasil.

4 Entendemos que Bacurau vale muitíssimo mais como obra de arte, do que como panfleto ideológico.

Esposito (2015), ao tratar da distinção entre pessoas e coisas, explica que um pressuposto inicial distingue claramente as pessoas das coisas, e, assim, ou se é pessoa ou coisa. Cita o autor (p. 15): “*as pessoas são definidas, sobretudo, pelo fato de não serem coisas e as coisas pelo fato de não serem pessoas. Entre as duas parece não haver nada*”. Contudo, Esposito (2015) nos lembra que a coisa é, antes de mais nada, algo que pode ser possuído, que pertence a alguém. E nos faz refletir sobre a coisificação do humano, por vezes recorrendo a Marx.

Humanos são reificados (tratados como coisa ou objeto) quando o reconhecimento da sua condição de pessoas é negado (HONNETH, 2018), quando são submetidos/explorados/possuídos por outrem. Quer como coisa-escrava, como coisa-trabalhadora, ou, ainda, como teimam alguns, como coisa-mulher⁵, a condição de pessoa dos humanos reificados cai no esquecimento, de modo que já não mais os conhecemos e tratamos a partir daquela condição, mas sim da condição de coisa-objeto (HONNETH, 2018). Esse reconhecimento prévio da condição de pessoa dos seres humanos, conforme vemos em Honneth (2018), é uma condição sem a qual não seria possível estabelecer uma relação pessoa-pessoa, isto é, em que ambos possuiriam o mesmo valor de base.

O povoado de Bacurau, desse modo, foi transformado em povo-coisa pelo poder do Estado e dos forasteiros, na medida em que foram transformados em alvos num verdadeiro safári-humano, se é que essa expressão deveria fazer algum sentido, ser cogitada.

Contudo, o mesmo grupo de humanos-pessoas (ou o corpo social) que é objeto de subjugação e exploração tem a possibilidade de se tornar, ele próprio, sujeito da revolta, na medida em que não há poder sem resistência (ESPOSITO, 2015). A tônica do filme é a relação opressão-resistência. A figura da personagem Teresa remete à Marielle Franco, não só fisicamente, mas como mulher, forte, decidida. Não parece à toa que em um momento do filme, em que se entoam os nomes de pessoas desaparecidas, surge o nome de Marielle. Presente!

O quadro social do povoado, que sobrevive na escassez e está destituído do olhar do poder público, faz com que a população encontre formas de resistir à falta de água, comida, medicamentos etc. Nesse caminho, parece-nos emblemático destacar o funcionamento do sistema público de saúde, a despeito de todas suas crises e contradições. A mensagem parece clara: o sistema tem problemas, mas é imprescindível à população. Com base em seus princípios basilares, Universalização, Equidade e Integralidade (PAIM, 2009), a personagem Domingas forja-se na resistência do Sistema, especialmente, quando não se rende às ofertas políticas e, por que não dizer, da indústria farmacêutica.

É importante ressaltar, porém, que a mensagem não é isenta de contradições. Domingas, ela mesma, padece de seus sofrimentos, tal como os trabalhadores do setor. Hoje, cada vez mais, os trabalhadores do Sistema estão destituídos da segurança do trabalho estatutário, terceirizados e controlados por Organizações Sociais (OSs), por vezes com salários atrasados etc., além da forma como o trabalho se organiza, em que há excesso de trabalho, precariedade, dificuldade de resolver as demandas da população etc., e provoca sofrimento mental (MARTINS et al., 2011).

O Sul e Sudeste brasileiro, por sua vez, são o contraponto à resistência do Nordeste. Tal como a classe média, acreditam pertencer a uma elite e, com ela, tentam andar de mãos dadas, até literalmente serem traídos. Os forasteiros claramente afirmam ser das regiões Sul e Sudeste e estão a serviço dos estrangeiros que querem dizimar o povoado. Eles, então, conseguem realizar o trabalho operacional de cortar a comunicação da população.

Aqui, é preciso abrir um parêntese. O povoado no sertão nordestino é surrealista. Os telefones celulares funcionam perfeitamente e podem permitir a organização social para a luta, tal como ocorreu em manifestações de outros países, como na Primavera Árabe. O processo de comunicação, portanto, assume papel fundamental. Mas, ao mesmo tempo, pode servir para controle das pessoas.

5 Sobre a coisificação da mulher, sugerimos fortemente o seriado *The Handmaid's Tale: O conto da Aia*. Em síntese, no seriado, inspirado na obra de Margaret Atwood, as mulheres, em geral, são destituídas de liberdades básicas (de ler, por exemplo), sendo que, para algumas (as Aias), resta apenas o 'direito divino-biológico' de procriar, o que é feito mediante estupro, todo mês/período fértil.

Tão ou mais importante que o poder disciplinar, é a biopolítica que se move sutilmente, percorre nossos corpos e nos controla. No processo das últimas eleições, mas ainda agora, vivenciamos um “descontrole” de informações, cujo objetivo último era exatamente controlar. E assim foi feito! Ao final do trabalho bem-sucedido, os forasteiros assassinam dois cidadãos que foram investigar o que havia ocorrido em uma fazenda próxima. Ao tomarem conhecimento do genocídio, os dois tornaram-se, eles próprios, alvos, tanto para evitar que denunciassem a matança quanto porque as pessoas-coisa-de Bacurau “eram dos estrangeiros”. Suas vidas foram negociadas/vendidas para eles pelo prefeito, tomando-se suas propriedades, cabendo só a eles, portanto, exterminá-las no safári-humano que citamos.

Um ponto emblemático, aqui, é que a relação da “classe média” com a elite, representada acima, passa por, pelo menos, duas questões: a primeira diz respeito à submissão incontida aos estrangeiros, notadamente, aos norte-americanos, algo que parece estarmos vivendo plenamente, tal qual nos anos de chumbo: “Brasil acima de tudo, Estados Unidos acima de todos!”. Porém, é ilusão acreditar que se pertence ao “clube”. Não tarda, a resposta é imediata. Qualquer desacordo, qualquer falha e a elite te coloca em seu devido lugar. No filme, a desavença em relação à atitude dos forasteiros fez os estrangeiros os questionarem. Uma das respostas, dos brasileiros do Sul/ Sudeste, foi de que eles eram iguais. A resposta, em tom jocoso, era de que eles não eram da mesma estirpe. A soberania branca não admite que latinos, pretensamente, acreditem ser iguais. Vale, então, a pena toda submissão aos ditames norte-americanos? Exemplos ao redor do mundo não faltam. Do mesmo modo, vale a pena a classe média “andar de mãos dadas” com a elite, acreditando ser do mesmo grupo social?

Um segundo aspecto diz respeito à fraqueza do nosso judiciário, que se imiscui com os detentores do poder, revelam-se protagonistas de golpes, calam-se diante de tanta injustiça, mas, ao fim, eles próprios, têm um final tenebroso, uma vez que não há democracia sem o poder judiciário⁶.

Essa invasão dos estrangeiros e a resistência do povoado nos remetem, ainda, a Boaventura de Sousa Santos e seus escritos sobre as Epistemologias do Sul. O povoado tem, em si, um saber e a resistência se estabelece daí. O prefeito tenta dizer o que é melhor para o povoado e, ainda que tivesse as melhores das intenções, o que não parece o caso, age rejeitando a possibilidade de escuta, como se as pessoas nada soubessem. Ao contrário, Santos e Meneses (2013) propõem destituir a centralidade da racionalidade do poder hegemônico e/ ou científica para construir novos entendimentos, novas formas de saber, em que se dá voz às pessoas, aos excluídos, ao saber constituído dos próprios atores sociais. Para os autores, o pensamento ocidental contemporâneo ainda é aquilo que denominam de “pensamento abissal”, uma cisão dos modos distintos de se olhar a realidade, de tal modo que o saber hegemônico determina aquilo que é ou que não é, como deve ou não deve ser.

Além da resistência, a violência, tal como em nosso país, está bastante presente. A gratuidade da violência dos estrangeiros no filme, que se manifesta terrivelmente no Brasil de hoje, também merece ser problematizada. O ódio manifesto na violência ideológica, homofóbica, religiosa, sexista, racista, contra os trabalhadores (atualmente, o servidor público, especialmente da categoria docente, é um dos alvos prediletos) impressiona. Violências gratuitas. Violência contra os direitos humanos. No filme, os estrangeiros matam os colaboradores forasteiros vindos das regiões Sul e Sudeste, por discordarem de um assassinato por eles cometido e afirmarem que isso (as mortes) eram prerrogativas deles próprios. Os estrangeiros matam, inclusive, a si mesmos, sem uma justificativa. Talvez, seja o que estamos fazendo a nós mesmos. Nos últimos meses temos assistido uma quantidade enorme de brasileiros mortos, inocentemente, pelo poder público. Uma violência injustificável.

É emblemática, também, a personagem do *sniper*. Em que pese, a figura do *sniper* no filme seja análoga a de um criminoso, não nos passa despercebida frente à realidade atual, em que um determinado governador de um estado afirma, sem pudor, que é preciso “atirar na cabecinha”. O atirador de “elite”, que pode eliminar, vendo sem ser visto. E que adentra as comunidades pobres, com a devida autorização do Estado e chancela da classe média, para “resolver” o problema da segurança pública. Aqui, refletimos, evocando e parafraseando Fernando Pessoa: “investigar é preciso; atirar não é preciso!”.

6 No filme, um dos forasteiros pertencia ao poder judiciário e isso só foi revelado quando os estrangeiros olharam seus documentos, após o assassinarem.

O genocídio que se avizinhava lembrou-nos, ainda, o general, importante integrante do atual governo federal, acusado de liderar uma missão desastrosa, quando liderava as tropas brasileiras que representavam as Nações Unidas em terras estrangeiras, e resultou em um massacre com mais de 20 mil projéteis disparados. O regime da tanatopolítica, portanto, parece estar sendo reverenciado pelos atuais detentores do poder executivo. Tal como o filme aponta em relação aos estrangeiros, parece que nossos dirigentes gozam com a morte alheia⁷.

Como destaca Mbembe (2018, p. 18), a partir da perspectiva foucaultiana, “*racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, ‘este velho direito soberano de matar’*. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do estado” O autor ainda nos lembra que a soberania diz respeito à habilidade de deliberar aquele que importa ou não, quem é ou não “descartável”.

A violência ainda está presente na retirada de Bacurau do mapa do satélite. Uma alusão, para nossos olhos, aos indígenas e suas terras demarcadas. E lembra, ainda, as graves questões de desmatamento e meio ambiente que estamos experimentando. Mais recentemente (início de novembro de 2019) foi enviada ao Senado, pelo Executivo, a Proposta de Emenda à Constituição do Pacto Federativo, em que municípios com população inferior a 5.000 habitantes e arrecadação própria menor do que 10% da receita total poderão ser incorporados pelo município vizinho. Há a estimativa, caso seja aprovada, de que haja a extinção de mais de mil cidades, o equivalente a mais de 20% do total de municípios brasileiros, a despeito de ser questionável a noção de “arrecadação própria”, poder gerar perda de recursos para a localidade, além de não ouvirem a população.

A comunidade resiste à violência com violência. A violência sem fim, que não pode ser benéfica a ninguém. Chama a atenção a organização da comunidade para a resistência e o uso de armas do museu, talvez fazendo a analogia à história do povoado e à importância de se resistir coletivamente. Na preservação da democracia e dos direitos, a resistência terá mais força quando for coletiva.

Outras passagens também nos remetem ao que vivemos. A traição entre o político e o estrangeiro lembra as delações e traições entre os grupos, antes alinhados. O líder e herói revolucionário, com trejeitos de homossexual, é ainda “um tapa na cara” da sociedade homofóbica. Em tempos em que os quadrinhos com heróis gays são retirados de circulação, a personagem Lunga é o acerto, é a potência, o desafio. E o mais importante: em momento algum, Lunga é desrespeitado pela comunidade. A convivência não passa pelo preconceito⁸.

As pílulas que os moradores tomam para resistir dão um tom dialético. Ainda que se possa fazer alusões à medicalização e ao poder da indústria farmacêutica, por outro lado, dão uma tônica de poder “mudar de dimensão”. Uma analogia, talvez, aos chás alucinógenos de outrora, mas com a roupagem pós-moderna. É possível entender, ainda, o uso das pílulas como uma condição para o afastamento do conhecimento instituído, como forma de libertação. Diferentes das drogas “tarja preta” oferecidas pelo prefeito, que têm a função de controlar ou conter, as pílulas de Bacurau inauguram uma nova condição de estar no mundo: original, potente e radical. Talvez, assim, os nascidos no povoado (“gente”, como dito, no filme, por uma criança), ao tomarem a pílula, não reduzam a realidade ao que já existe e busquem fundar, novas realidades, novas epistemologias, na concepção de Boaventura de Souza Santos (SANTOS et al., 2013).

Enfim, Bacurau é uma grande metáfora; uma alegoria para pensar o Brasil atual, do modo que quiser, na viagem que puder.

7 Uma passagem emblemática do filme diz respeito à relação sexual de dois estrangeiros, após o assassinato de moradores do povoado. O casal transa, enquanto é filmado pelo drone. Tal passagem lembra o gozo do governador de um estado brasileiro com a morte de uma pessoa que sequestrou um ônibus com trabalhadores que se deslocava em uma importante via que liga duas cidades da região metropolitana do estado.

8 Aliás, essa parece ser a tônica. A personagem prostituta Sandra é, igualmente, tratada com o respeito que merece.

4 À GUIA DE CONCLUSÃO

O presente texto não teve a pretensão de traduzir o filme Bacurau. Nos interessou, de forma diferente, nos inspirar nesta produção cinematográfica para refletir sobre como nós brasileiros estamos vivendo o contemporâneo.

Em diferentes esferas, federal, estadual e municipal, estamos nos deparando com discursos e ações que nos tiram direitos, as garantias básicas de um estado democrático. Em longo prazo, quiçá bem antes, poderemos vivenciar, como o Chile, um estado de precarização e pauperização que será difícil sustentar, e que a violência contra o poder instituído será a única via possível.

REFERÊNCIAS

ESPOSITO, R. **As pessoas e as coisas**. São Paulo: Rafael Zamperetti Copetti, 2015.

HONNETH, A. **Reificação: um estudo de teoria do reconhecimento**. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

MARTINS, S.T.F.; RIBEIRO, S.F.R. Effect Sofrimento psíquico do trabalhador da saúde da família na organização do trabalho. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 2, p. 241-50, abr./jun. 2011.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MUKAROVSKY, J. **Escritos sobre estética e semiótica da arte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

PAIM, J.S. **O que é SUS**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

SANTOS, B.S.; MENESES, M.P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2013.